# Herodes Agripa, o Moço

## I

No capítulo XXV, versículos 13 e seguintes, os Atos dos Apóstolos nos ensinam que Pórcio Festo, governador da Judeia, voltara de Jerusalém a Cesareia.

> *E alguns dias depois o rei Agrippa, e Berenice vierão a Cesareá a dar as emboras a Festo. E demorando-se alli muitos dias, Festo deo noticia de Paulo ao rei [...].*

## II

> *Então Agrippa disse a Festo: Eu tambem queria ouvir a este homem. A manhã, respondeo elle, o ouvirás. Ao outro dia pois tendo vindo Agrippa e Berenice com grande pompa, e depois de entrarem na audiencia com os tribunos, e pessoas principaes da cidade, foi trazido Paulo por ordem que Festo déra.*

> *DISSE pois Agrippa a Paulo: A ti se te permite fallar em defeza de ti mesmo.*

Logo Paulo, estendendo a mão, começou, como vimos na Biografia de Festo, sua triunfante justificação.[1]

## III

Eis uma audiência de tribunal a que cada um de nós gostaria de ter assistido. É tal que o tempo nunca lhe diminuirá o interesse, visto que se liga aos maiores acontecimentos da história. Para reproduzi-la, ao menos em parte, demos a conhecer Festo, que a provocara, e fornecemos o discurso de são Paulo. Resta dar a conhecer Agripa e Berenice, as duas principais testemunhas dessa sessão memorável. Comecemos por Agripa.

# IV

Herodes Agripa, o Velho, deixara quatro filhos: um filho, Herodes Agripa, o Moço, de dezessete anos; três filhas: Berenice, de dezesseis anos; Mariana, de dez; e Drusila, de seis.

# V

O jovem Herodes Agripa estava em Roma quando soube da morte de seu pai. O primeiro pensamento do imperador Cláudio foi enviá-lo à posse da herança paterna. Mas, por observações de seus conselheiros, julgou mais prudente não confiar a um rapazinho ainda sem experiência o difícil governo da Judeia. Agripa permaneceu, pois, em Roma.

Enquanto isso, o imperador enviou o procônsul Cuspio Fado castigar os habitantes de Cesareia e de Samaria, que haviam insultado a memória de Agripa, o Velho.

# VI

Tinha ordem de fazer passar ao Ponto os corpos de infantaria e cavalaria compostos de soldados cesareenses e samaritanos e de substituí-los por tropas romanas. A ordem não foi executada. Esses soldados, descontentes e amotinados, permaneceram na Judeia e tornaram-se os principais instrumentos da revolta que acendeu a guerra contra os romanos e trouxe a ruína de Jerusalém.

A Fado sucederam, no espaço de alguns anos, como governadores da Judeia, Tibério Alexandre, Cumano, Félix e Festo.

# VII

Entretanto Nero substituíra Cláudio no trono dos Césares. No primeiro ano de seu reinado, aumentou com algumas cidades e povoados o reino do jovem Agripa. As cidades eram em número de quatro: Péreia e Júlia, na Abilene; Tariqueia e Tiberíades, na Galileia. O resto da Judeia permaneceu sob a administração de Félix, cujo irmão Palante, ou Palas, contribuíra para a elevação de Nero pelo casamento de Cláudio com Agripina.

# VIII

Mal chegado a Jerusalém, o jovem Agripa quis rivalizar em magnificência com seu avô, Herodes I. Assim mandou construir um soberbo palácio na colina defronte do Templo. Do triclínio, ou sala de jantar, via-se o que se passava nos átrios do Templo e no próprio Templo.

Indignados com a ideia de que olhares profanos pudessem mergulhar sobre os mistérios sagrados, os judeus ergueram entre o Templo e o palácio um alto muro que interceptava a vista. Agripa e sobretudo seu amigo Festo ficaram muito irritados e deram ordem de demolir o muro. Os judeus apelaram a Nero.

# IX

Com a permissão de Festo, enviaram a Roma doze deputados: entre eles estavam o sumo sacerdote Ismael e o tesoureiro do templo, Helcias. A pedido da por demais famosa Popeia, Nero atendeu ao requerimento deles, mas reteve como reféns Helcias e Ismael.[2] Isso se deu no ano 59 de Nosso Senhor, terceiro de Nero.

# X

Agripa, sabendo que Ismael era retido como refém, revestiu do sumo pontificado José, filho do antigo sumo sacerdote Simão. Usando amplamente do direito que lhe fora dado sobre o Templo, destituiu em pouco tempo quatro sumos sacerdotes e criou seis. O povo judeu já não era mais que sombra de si mesmo: autoridade civil e autoridade religiosa, tudo desaparecera.

Como todos os reis de então, e mesmo de hoje, em muitos países, Agripa brincava de liturgia, de que se fazia árbitro. Assim, contrariamente à lei de Moisés, permitiu aos simples levitas usar a túnica branca.

# XI

Fiel aos romanos, a quem sua família devia tudo, Agripa tomou duas vezes as armas por eles. A primeira contra os partos; a segunda, contra seus compatriotas, no décimo segundo ano de Nero, quando começou a lamentável guerra que acabou na ruína de Jerusalém e na dispersão dos judeus.

Para ser justo, é preciso reconhecer que essa guerra, divinamente predita, foi ocasionada em grande parte pela abominável conduta de Cestio Floro, governador romano das províncias judaicas anexadas ao império.

# XII

Grego de origem, nascido em Clazômenas, hoje Vourla, cidade da Jônia, perto de Esmirna, esse homem deveu o governo à sua mulher Cleópatra, amiga de Popeia. Administrou a Judeia como um lobo administraria um rebanho de ovelhas.

Seu antecessor Albino escondia suas iniquidades; ele fazia glória de cometê-las em público. Nem uma crueldade, nem uma impudicícia, nem uma hipocrisia que se recusasse.

Era pouco para ele enriquecer-se com extorsões e impostos pessoais; despojava cidades inteiras, reduzia as populações à indigência e autorizava o banditismo com a condição de partilhar o butim.

Tal foi sua rapacidade que grande parte do país ficou deserta e os habitantes emigraram para as províncias vizinhas.

# XIII

Por ocasião de um tumulto que ele mesmo provocara, mandou açoitar com varas, na presença de todo o povo, os principais dentre os judeus e crucificar seiscentos, homens, mulheres e crianças. Essa execução teve lugar pelas festas da Páscoa do ano 68 de Nosso Senhor, décimo segundo de Nero: levou ao auge a exasperação dos judeus.

# XIV

Revoltaram-se por toda parte e obtiveram vários sucessos assinalados contra os romanos, até que Floro deixou Jerusalém. Em vão Agripa quis aplacar os ânimos. Uma guerra sem quartel estava desde então acesa. Propagou-se por todas as cidades da Palestina e estendeu-se até aos países estrangeiros habitados por judeus.

Pavorosas carnificinas, precursoras de outras maiores, tiveram lugar em Cesareia, onde vinte mil judeus foram degolados; em Citópolis, treze mil; em Ascalão, dois mil; em Ptolemaida, dois mil; em Alexandria, cinquenta mil.

# XV

Assim avançava a passos lentos a vingança divina sobre o povo deicida. Por uma coincidência de nome, que não escapou a Barônio, é por uma flor que começa e continua a sangrenta catástrofe. Uma flor divina, Nosso Senhor, *Flos de radice Jesse — «huma flor brotará da sua raiz»*, como a chama Isaías —, é enviada do céu para trazer a paz aos judeus e salvá-los. Eles a desprezam.

De sua grande capital, Satanás envia uma flor, Floro, que atormenta os judeus de todas as maneiras e prepara seu extermínio. Flagelam Nosso Senhor e o põem na cruz, e seus principais cidadãos sofrem, aos olhos de todo o povo, os mesmos suplícios.

# XVI

Entretanto, Nero se dera a morte. Vespasiano, que estava na Síria com três legiões, envia a Roma seu filho Tito para cumprimentar Galba, sucessor de Nero, e pedir suas ordens para a guerra anteriormente decidida contra os judeus. Agripa partiu para Roma com Tito e voltou no mesmo ano. Correndo o boato de que Vespasiano seria feito imperador, ele se apressou em ir ter com ele. A guerra contra os judeus começara com grande ardor e imensos preparativos. Agripa serviu no exército romano e assistiu com Tito ao cerco e à ruína de Jerusalém.

# XVII

Depois da catástrofe, voltou a Roma com sua irmã Berenice. Ali morreu quase septuagenário, depois de quarenta e um anos de reinado, no terceiro ano do império de Trajano. Nele terminou a raça dos Herodes.

Antes de deixá-la, lembremos aqui, para instrução de muitos, uma reflexão do historiador Josefo.

> *Quero — diz ele — falar em pormenor de Herodes e de sua posteridade. Isso importa muito à história e é uma grande prova da existência de Deus, e de que nem a mais numerosa posteridade, nem o poder, nem a riqueza servem de nada sem a piedade para com Deus.*[3]

Com efeito, no espaço de cem anos, toda a posteridade de Herodes, que era por certo muito numerosa, desapareceu quase inteiramente. Que o gênero humano se instrua em sua infelicidade!

# XVIII

Um de nossos comentadores explica essa grande lição.

> *Vede — escreve ele a respeito de Herodes Agripa, o Moço — o mau gênio dos Herodes e seu papel de perseguidores do cristianismo, perpetuado de geração em geração.*

> *O primeiro faz-se o juiz e o carrasco dos Inocentes, decidido a sê-lo do Filho de Deus, se o tivesse podido descobrir. Seu filho, Herodes Antipas, é o escarnecedor de Nosso Senhor e o assassino de são João Batista.*

> *O neto de Herodes I, Herodes Agripa, o Velho, imola são Tiago e manda pôr são Pedro na prisão, com a intenção de martirizá-lo. Seu bisneto, Herodes Agripa, o Moço, figura entre os juízes de são Paulo.*

# XIX

Com efeito, é, como vimos, diante desse Agripa que o grande Apóstolo pronunciou sua defesa contra os judeus. Faz honra a esse príncipe do conhecimento que tinha da religião judaica e de sua crença nos Profetas.

Era dizer-lhe que, se fosse coerente, faria-se cristão. Agripa o compreendeu, pois respondeu a são Paulo: *«Por pouco me não persuades a fazer-me Christão.»* Mas entre o princípio e a consequência prática há um obstáculo que detém todos os incrédulos: uma paixão. Agripa vivia em incesto com sua irmã Berenice, de quem falaremos em breve.[4]

Procurem entre os incrédulos, jovens ou velhos, um homem cuja consciência seja pura de toda injustiça, de toda impureza ou qualquer outra iniquidade, e não o acharão. É sempre o coração que dói a cabeça. Só se é livre-pensador para ser livre fazedor.[5]

---

**Notas**

[1] At XXV, 13, 22, 23; XXVI, 1, 27, 30, 33.

[2] As conversas de Popeia com esses dois personagens prepararam talvez a conversão, tida por provável, dessa mulher. Josefo a chama *pia fœmina*, sem dúvida por causa de sua inclinação aos judeus e à religião deles; pois, quanto aos costumes, não era nada piedosa. Falaremos de Popeia em outra Biografia.

[3] *Ant.*, 18, 5.

[4] Cor., *Act.*, 25, 13.

[5] Ver: Joseph., *Ant. jud.*, xx, c. 5; id., *De Bell. jud.*, ii, 12; Baron., an. 56, n. 42; Joseph., *Antiq. jud.*, xx, 1, 4, 8, 9, 12; id., xix, 7; id., *De Bell. jud.*, ii, 18, 20, 21; Baron., an. 69, n. 40; Tácito, *Hist.*, I, 10; Joseph., *De Bell. jud.*, V, 6; Xiphil., *in Vespas.*; Joseph., *Ant. jud.*, xvii, 5; Cor. a Lap., *in Act.*, xxv, 13, etc.

---

Revision #1
Created 27 November 2026 01:06:15 by Admin
Updated 27 November 2026 01:06:15 by Admin